

Rádio, Hibridismo, Fricção e Mestiçagem Cultural: as misturas estão no ar¹

Eliana Cristina Paula Tenório de ALBUQUERQUE²

Isis Santiago LINS³

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, BA

RESUMO:

Este artigo trata de temas distintos e, ao mesmo tempo, imbricados: o rádio regional, a fricção das culturas, o hibridismo de linguagens e a mestiçagem cultural. Toma como ponto de partida as experiências radiofônicas realizadas por alunos e professores do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Santa Cruz, no sul da Bahia, que, adaptando textos literários diversos para a linguagem radiofônica, produziram programas educativos nos vários formatos da radiodramaturgia, exibidos nas disciplinas e através da Rádio UESC, via *web*. A experiência serve para se observar as construções sócio-culturais realizadas nessas adaptações quando, misturando linguagens, conceitos e técnicas, se aproxima dos estudos sobre linguagens híbridas e confluentes de várias culturas. Para dar conta da discussão proposta, esse estudo busca os aportes teóricos de Lúcia Santaella, Martín-Barbero, Amálio Pinheiro, Serge Gruzinsky, Octávio Paz, entre outros. O objetivo é discutir como se dá a fricção cultural e as possíveis relações entre a mestiçagem cultural e o rádio.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagens híbridas; mestiçagem cultural; rádio regional.

O ano de 2004 estava na sua segunda metade quando professores e alunos do curso de Rádio e TV da Universidade Estadual de Santa Cruz, no sul da Bahia, iniciaram experiências práticas envolvendo adaptações de textos (científicos, romances, crônicas, músicas, poesias, cordéis, entre outros) para os formatos da radiodramaturgia⁴.

A sensação era a de se estar diante de uma “Caixa de Pandora” e, como tal, a curiosidade e a expectativa superavam o medo. Pretendia-se despertar o

¹ Trabalho apresentado na DT 4 do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 4 a 7 de julho de 2018, em Juazeiro, Bahia.

² Professora do Curso de Comunicação – Rádio e TV da Universidade Estadual de Santa Cruz; Coordenadora da Rádio Educadora UESC FM e do Grupo de Estudos e Pesquisas Observatório da Comunicação e das Culturas Contemporâneas (GOCC).. E-mail: nanealbuquerque@hotmail.com

³ Concluinte do Curso de Comunicação – Rádio e TV da Universidade Estadual de Santa Cruz; Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Observatório da Comunicação e das Culturas Contemporâneas (GOCC). E-mail: isissantiago84@yahoo.com.br

⁴ Conforme Barbosa Filho (2003), os formatos mais comuns na radiodramaturgia são o sketch (programa unitário, com 1 a 2 minutos de duração), a radionovela (programa seriado em capítulos com 5 a 10 minutos de duração cada um) e o radioteatro (unitário, com longa duração – 10 minutos até 1 hora).

aperfeiçoamento, a liberdade de criação, a produção alternativa – e obviamente livre – de materiais divertidos, educativos e próprios para a divulgação cultural.

Como em uma das interpretações dadas à Caixa de Pandora, entendia-se que, ao enfrentarem juntos provas e adversidades comuns em um trabalho desse tipo, professores e alunos terminariam por construir novos horizontes radiofônicos. Os alunos também poderiam assimilar mais facilmente o conteúdo das disciplinas e adquirir o gosto pela criação, produção e direção em rádio.

Dicotomicamente, o processo se mostrou simples e complexo. Simples porque se resumia a fazer com que, em grupos, os alunos escolhessem textos variados, de autores diversos, para transformá-los em roteiros adaptados para o rádio. Em seguida, deviam produzi-los e gravá-los para posterior apresentação e avaliação coletiva. Assim, treinariam o olhar crítico tanto na elaboração dos produtos quanto na sua avaliação.

A complexidade se revelou exatamente na escolha dos textos e na inusitada e saudável tensão que isso gerou. Enquanto uns queriam trabalhar com obras de Machado de Assis, outros optavam por Franz Kafka, João Ubaldo Ribeiro ou Raul Seixas, por exemplo. Enquanto uns preferiam romances ou crônicas, outros optavam por cordéis, músicas ou poesias. Outros tantos queriam fazer uma espécie de miscelânea, aproveitando de tudo um pouco. E mais alguns achavam que se devia limitar um tipo textual para cada grupo de produção. Todos prevaleceram. Cada grupo, após discussão interna e sempre polêmica, sem a interferência direta do professor, decidia o que fazer. Após definido o texto, não se alterava mais o escolhido. Até para mostrar que o trabalho começa exatamente aí, na escolha do texto mais adequado.

O resultado desse processo fez com que, nos dias atuais, a UESC tenha um raro acervo de obras transmutadas para o rádio, que vão desde “O Alienista”, de Machado de Assis, passando por Castro Alves, Carlos Drummond de Andrade, Clarisse Lispector, João Ubaldo Ribeiro, Florbela Espanca, Isabel Allende, entre outros autores, até se chegar às letras de músicas e aos cordéis, descobertos como possibilidade a partir da divertida adaptação do texto “Jesus no Xadrez”, de Chico Pedrosa, que foi gravado pelo grupo “Cordel do Fogo Encantado” em 2002 e adaptada por alunos do 6º semestre do curso de Comunicação da UESC em 2006, com orientação da professora Ayeska Paulafreitas.

Depois desse, a adaptação de cordéis virou moda entre os alunos. Patativa do Assaré, Minelino Francisco, Chico Antônio, Gilton Tomás, entre outros cordelistas de

alcance nacional ou local saíram do papel e ganharam representações radioteatrais. Fizeram mais: levaram ao gosto pelo estilo, com inúmeros alunos passando a consumir, estudar e/ou escrever cordéis. Além disso, incrementaram o interesse em discutir novas possibilidades de linguagens e conteúdos adaptados para o rádio, evidenciando seu caráter educativo-cultural e tornando-se objeto de estudo para trabalhos de conclusão de curso e projetos de pós-graduação.

Além dos cordéis, a partir daí também ganharam força os temas relacionados às religiosidades, com adaptações inusitadas: do Yon Kipur (dia do perdão do judaísmo), sob a ótica evangélica; do Apocalipse, segundo a Igreja Adventista do Sétimo Dia; da encíclica *Laudatto Si*, do papa católico Francisco, adaptada para novela de 20 capítulos; das lendas e contos do Candomblé, com adaptações dos livros “A viagem de Orixalá: estrada de sagitário, caminhos de Orunmilá” e “Mejigã e o contexto da escravidão”, ambos do professor e babalorixá Ruy do Carmo Póvoas, já em 2017, entre outros.

É importante ressaltar que o palco onde isso ocorre – uma universidade estadual, situada no sul da Bahia – é, por si, privilegiado. Ali estão reunidas pessoas oriundas de culturas e lugares diversos, em constante fricção, em confrontos e tensões, gerando novos saberes e práticas culturais que, de alguma forma, serão devolvidas aos seus lugares de origem. Ou seja, é um lugar de hibridação e de mestiçagem permanentes porque tem a capacidade de aproximar culturas, incorporar elementos, intercambiar o externo e o interno, em movimento incessante de busca pelo diferente.

Neste artigo, o que mais nos interessa dessa experiência são o exemplo e algumas observações a respeito de seus resultados porque contribuem para incrementar a discussão a respeito da fricção e mestiçagem cultural, além da hibridação de linguagens, temas que a partir daqui serão discutidos.

A fricção cultural

A fricção cultural é parte dos processos civilizatórios que têm seu modo de conhecimento fundado numa especial relação material entre séries culturais concretas que constituem, ao mesmo tempo, relações entre sistemas e subsistemas de signos que estão em permanente tensão e diálogo. A cultura, desse modo, não pode ser entendida “como um projeto cumulativo linear”, mas sim como uma “rede de conexões entre séries que ressalta a noção de processos dentro de sua estrutura” (PINHEIRO, 2008).

O autor ilustra com nitidez esses processos de fricção cultural quando diz que os modos de conhecimento “se organizam/desorganizam a partir dos usos da voz/visualidade/escritura etc, no interior das mais complexas conexões entre o particular e o geral em cada cultura” (PINHEIRO, 1994, p.14). Ou seja, da fricção, da tensão e da relação dialógica se refazem infinitamente os processos culturais.

É também da fricção entre as ideias que cartografias culturais mistas de toda espécie vem sendo traçadas, ao mesmo tempo em que há uma complexa criação de novos territórios existenciais que se fazem e se desfazem em um mundo irreversivelmente globalizado, como explica Rolnik (2009). Para a autora, questionar se universos marcados pela fricção, flexibilidade, hibridação, fluidez (ou líquidez), devem ser recusados ou celebrados, é falso problema, já que se trata apenas do diagrama de nossa atualidade. E, como toda forma de realidade, esta se produz no embate entre as diferentes políticas adotadas em sua construção.

Neste sentido, é importante destacar que este trabalho opta por discutir as experiências em rádio a partir da teoria da mestiçagem – ou da cultura mestiça – como parte desse diagrama e não como única ideia capaz de explicar os processos culturais. Até porque, em muitos momentos, ideias existentes nas diversas proposições teóricas são confluentes e/ou complementares, sendo impossível descartar totalmente umas em função de outras.

O barroco e a mestiçagem

Para compreender o processo em que se dá a mestiçagem cultural, antes é importante lembrar a colonização da América, quando espanhóis e portugueses projetaram a ideia de que este seria um local de começo (ou, para eles, de recomeço) e de que ai se daria uma nova experiência civilizatória. O continente representava, então, não só riqueza e possibilidades múltiplas de crescimento para os países colonizadores, mas também, e principalmente, a chance de garantir a supremacia frente à Europa, já esgotada por inúmeras lutas territoriais, religiosas e políticas, entre outras que se encarregaram de empobrecê-la. Daí a urgência em ocupar as terras descobertas para apropriar-se de suas riquezas.

Há inúmeras avaliações para esse ímpeto colonizador. Para alguns estudiosos, a colonização na América pode ser vista a partir da ideia de violação das culturas

autóctones e das mulheres (indígenas, a princípio, e negras, mais tarde). Como consequência, há o aparecimento do sujeito mestiço que, neste caso, seria fruto de uma suposta impureza étnica e do pecado (sob a ótica cristã). Para outros, como Octávio Paz, a angústia existencial vivenciada pelos povos latino-americanos diante das múltiplas violações a que foram submetidos pelos colonizadores, terminou por despertar a consciência agônica de ser o outro, o diferente, o latino-americano (SOARES, 2009). Assim, mesmo forjado na violação, o latino-americano incorporou e reescreveu o encontro de suas etnias e culturas, fazendo-o com perturbada consciência de alteridade vez que, por ser resultado do estupro e da bastardia, terminou não sendo mais apenas índio, branco ou negro, mas um elemento barroco⁵, resultado de um encontro dos povos e, logo, de culturas.

Nessa discussão, vale destacar a ideia do poeta cubano José Lezama Lima (1988), que chama atenção para a incorporação, pelos povos latino-americanos, de uma autoimagem injuriada e edipianamente problemática, por sofrer a orfandade de uma filiação inferiorizada, recusada, colonizada. Para ele, o latino-americano precisa “canibalizar-se” e “ruminar-se”, deixando de reproduzir sua miscigenação como injúria ou problema, afirmando-se nela como virtude.

Ainda para o autor, a civilização latino-americana constitui-se como fenômeno barroco a partir do momento que se manifesta a partir de crises e mudanças nos paradigmas sócio-culturais, com características estéticas que podem recrudescer a depender do contexto histórico. O barroco pode ser visto, assim, como uma espécie de índice da “contraconquista colonial”, uma vez que combina tensamente os elementos de culturas diversas instaurando a miscigenação como potência utópica de uma humanidade do comum e para o comum (SOARES, *op.cit.*)

A partir desse entendimento, começa a desenhar-se mais explicitamente o campo por onde este estudo transita e que nos mostra a dificuldade e quase impossibilidade de fixar um conceito de identidade e de originalidade no mundo contemporâneo, em especial, na América Latina e no Brasil. São lugares em que elementos heterogêneos vivem em contínua interação buscando novas soluções semânticas e sintáticas ou, como diz Viveiros de Castro (2002), são lugares onde há tal ligação entre natureza e cultura

⁵ Muito se discute sobre a origem da palavra *barroco* e há divergências quanto à tradução do termo. A mais utilizada tem origem no vocabulário espanhol (*barrueco*), vindo do português arcaico e usado pelos joalheiros desde o século XVI para designar um tipo de pérola irregular e de formação defeituosa (Cf. ÁVILA, Affonso. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. São Paulo: Perspectiva, 1994)

que as narrativas míticas e os objetos, os signos da fala e as coisas do fazer andam permanentemente de mãos dadas.

Para Pinheiro (2006), o que existe no mundo contemporâneo são identidades em contínuo processo de intersecção e refazimento, amalgamando uma grande confluência de diferenças. Concordando com ele, Rocha, Albuquerque e Oliveira (2009, p.34) explicam que

na mestiçagem cultural não existe espaço para supor uma ‘identidade’, inclusive porque, no pensamento contemporâneo, este conceito de ‘identidade’ carrega uma ideia de estagnação, de rigidez, um padrão fixo no tempo e no espaço. ‘Matriz’, ‘autêntico’, ‘raiz’, ‘puro’, ‘genuíno’ e ‘origem’ também são termos inadequados e insuficientes para pensar a mestiçagem cultural, pois não aceitam a ideia de mudança e o trânsito destas tensões entre culturas diferentes pela presença de uma zona de confluência. Estes conceitos não possibilitam compreender e lidar com a diferença e a mobilização de tensões

Aliás, como defende Gruzinski (2006, p. 48), para compreendermos a profundidade dos significados contidos no termo *mestiçagem*, é necessário abolirmos hábitos intelectuais que prefiram os conjuntos monolíticos, os clichês e estereótipos em vez dos espaços intermediários. É preciso superar os modelos eurocêntricos e os dualismos do pensamento clássico.

O historiador francês explica ainda que o termo *mestiçagem* refere-se às misturas que ocorreram em solo americano no século XVI entre seres humanos – seus imaginários e formas de vida – vindos de quatro continentes: América, Europa, África e Ásia. Já o termo *hibridação* é utilizado na análise das misturas que se desenvolvem dentro de uma mesma civilização ou de um mesmo conjunto histórico (idem, p.62). Então, em via de mão dupla, podemos dizer que as hibridações ocorrem a partir da mestiçagem que, por sua vez, possibilita as múltiplas hibridações.

A mestiçagem em si é uma ocorrência antiga, apesar do seu estudo enquanto teoria ser um fato recente. Acontece desde sempre no encontro das culturas, onde os elementos se mesclam sem, contudo, perderem suas diferenças ou desaparecerem. Neste caso, as diferenças permanecem dialogando, mas em constante tensão, produzindo uma capacidade de tradução complexa em um caleidoscópio multicultural, imiscuindo-se sempre (GRUZINSKI, *op.cit*). Assim é que, quando temos justaposição de elementos que não se misturam e nem tensionam, não há um processo de mestiçagem.

O termo, tal como aplicado aqui, está relacionado à mistura de culturas diversas e, apesar desse processo depender dos deslocamentos étnicos e do encontro da diversidade, não está vinculado diretamente às misturas étnicas e sim aos processos culturais (MARTÍN-BARBERO, 2004). Por isso, a América Latina serve como ótimo exemplo deste trânsito: é um continente onde há o movimento de dupla assimilação pela confluência de várias culturas no mesmo espaço. Ao mesmo tempo em que interagem e formam outras culturas, permanecem como são.

Outra característica do processo de mestiçagem cultural é a ausência de hierarquia entre as diferenças. Não há relação de poder entre as culturas e uma cultura nunca é mais importante que outra. Os elementos fazem acordos mútuos e móveis, que ampliam a capacidade de comunicação, de diálogo, mas nunca chegam a uma solução, já que não ocorre uma fusão entre elas. É convivendo com as diferenças que ocorre a dupla assimilação. Por isso, são novos modos de perceber o mundo. A tensão permanece sempre e provoca fricções que permitem a mobilidade e a capacidade de tradução e interação do objeto mestiço que, por sua vez, reflete a natureza barroca da cultura latina.

Em outras palavras, o objeto mestiço é um mosaico móvel surgido das diferenças, que não se anulam. Neste encontro as características dos elementos são transformadas, mas nunca perdidas. Então, a mestiçagem sintetiza a capacidade de incorporar o outro nas diversas situações, por meio de procedimentos e sintaxes variados. É o reconhecimento do outro. Mas não daquele outro para ser apenas descoberto e observado comodamente e sim para ser mastigado, digerido integral e pluralmente, em tensão.

Exemplo disso são os conhecimentos múltiplos e que geralmente não levados em consideração, mas que fazem a diferença, inclusive porque não estão registrados em livros ou outras formas do saber culto. São as cantigas de roda, os repentes, os bailes de periferia, a vestimenta e o modo de falar das pessoas, as conversas de rua, entre outras formas que compõe um grande tecido de saberes que movimenta a cultura.

Observando esse processo por outro ângulo, nota-se que a memória acumulada de construção histórica recebe as informações sincrônicas do tempo presente e que estamos imersos em um mundo cultural onde a evolução da cultura é cumulativa, ocorrendo a partir das modificações que as tradições e os artefatos culturais dos seres humanos sofrem ao longo do tempo. Isso garante que “a ontogênese cognitiva humana

ocorra num meio de artefatos e práticas sociais sempre novos que, em qualquer tempo, representam algo que reúne toda a sabedoria coletiva de todo o grupo social ao longo de sua história cultural” (TOMASELLO, 2003, p.9).

Este processo é dinâmico, sistêmico, acontece em rede e também é codependente da capacidade de invenção criativa dos seres humanos e da participação dos indivíduos na aprendizagem social. Acontece em tempo real, no momento em que o indivíduo participa de um grupo social no qual compartilha experiências e desenvolve-se cognitivamente – na “coletividade cognitiva” – experienciando vivências que produzem conhecimento e cultura (idem). Desse modo, é no encontro dos diversos que o conhecimento é produzido em forma de objeto mestiço.

As culturas que atuam como sistemas fechados e isolados tendem a desaparecer porque permanecem da mesma forma no tempo/espço, sem mobilidade, sem negociação e pela estagnação dos seus componentes. A mestiçagem cultural, portanto, se constitui em um fazer humano pelas possibilidades de trocas, nas quais os objetos partilham propriedades comuns e transmutam propriedades outras. Este fato pode facilitar uma diluição de fronteiras e um cruzamento de linguagens, mas é sempre um acordo temporário entre as tensões, visto que as diferenças permanecem. Por isso, o objeto mestiço possui qualidades comuns e qualidades diversas.

As formas de expressão e a corporalidade do outro, são percebidas nesse processo, já que elas não se anulam e permanecem presentes na diferença dos corpos, dos movimentos, dos objetos. Tampouco a mestiçagem cultural é pré-organizada, mas, ao contrário, acontece no momento da relação e busca uma visibilidade através dos corpos presentes nesse processo.

Como as diferenças não se excluem, a mestiçagem cultural demonstra ter margens fluidas e intercambiáveis, gerando inúmeras possibilidades ao encontrar situações imprevistas, não combinadas antes do momento da ação. A atuação das mídias é uma dessas situações, como veremos a seguir.

Linguagens híbridas, características únicas

Muitas são as variáveis que intervêm nos processos mestiços e a mídia é parte delas. Como instrumento da indústria cultural, contribui para transformar tudo em consumo, impondo padrões de comportamento e influenciando na maneira de pensar e agir

das sociedades. O rádio não é diferente e assim como os demais meios de comunicação de massa, ajuda a provocar algumas distorções da cultura, que é igualmente transformada em fruto da sociedade-mercado.

Isso começa a explicar porque uma região eminentemente agrícola e assentada tradicionalmente em uma relação de poder coronelista – logo, desigual e arbitrário – como é o caso do sul da Bahia, vai, aos poucos, transformando-se e vendo transformarem-se suas características culturais. Torna-se mestiçamente outra região, diferente do que era, mas não se desvincula de sua história e, logo, permanece sendo. As mudanças acontecem a partir do contato com outras realidades, formas de vida e saberes diversos.

A diferença local, neste caso, foi acentuada nas últimas duas décadas, entre outras coisas, pelo acesso da maioria da população aos meios de comunicação de massa; pelo aumento do fluxo turístico no local e, logo, no contato com indivíduos de outros locais e culturas, mas também pela instalação da Universidade Estadual de Santa Cruz, que atrai todos os anos para a região centenas de jovens de outras cidades do país e, com eles, suas histórias, hábitos e gostos, seu fazer cultural (ALBUQUERQUE, 2014).

Esse processo remete à importância da dimensão local na organização da cultura e do objeto mestiço, além do papel de interação com o espaço no qual este objeto se apresenta e faz lembrar Santos (2006, p.314) para quem “todos os lugares são virtualmente mundiais” e “cada lugar é, à sua maneira, o mundo”. Percebe-se que, ao aceitar a comunhão com o mundo, cada local torna-se único e diferente dos demais. Interage e incorpora o outro, mas se mantém ímpar. Como pensava Milton Santos (*op.cit*), quanto maior a globalidade, tanto maior a individualidade.

A informação, assim como os processos culturais, também não respeita fronteiras territoriais - ou espaços demarcados por uma linha divisória – e é essencialmente uma tradução, já que nenhuma informação é tal como ocorre, mas sim como se transmite. É nessa transmissão que surgem os acordos, as adaptações com o ambiente e, logo, as interferências e as transformações, o que nos leva a pensar nos processos de informação também como mestiços.

Observando por outro ângulo e considerando que a informação é uma leitura e uma representação social da realidade e não a própria realidade; que esta suposta realidade será recebida por indivíduos (neste caso, ouvintes) e adequada à capacidade de recepção destes; que esta adequação será feita de acordo com a história cultural de cada

um, percebe-se que este é um processo codependente da capacidade de invenção criativa dos seres humanos e da participação dos indivíduos na aprendizagem social visto que a natureza do homem é cultural.

Este tipo de aprendizagem é uma forma de cognição social necessária à formação de vínculos de identificação e produção de cultura, pois está ligada à “capacidade de cada organismo compreender os co-específicos como seres *iguais* a ele, com vidas mentais e intencionais iguais as dele” (TOMASELLO, 2003, p.7).

É essa compreensão que faz com que seja formada a imagem mental tão importante para compreensão dos conteúdos radiofônicos. Permite também que uma pessoa se coloque na pele mental de outra pessoa, de modo que não só aprenda “do outro, mas *através* do outro” (idem), sendo essa compreensão dos outros um elemento fundamental na aprendizagem cultural.

O rádio é, especialmente, um ambiente de vinculação que possibilita a sincronização das múltiplas atividades dos cidadãos nas sociedades complexas. A relação de vínculo formada entre emissoras e ouvintes, faz com que as primeiras confirmem e reforcem a inclusão dos cidadãos em uma ordem simbólica. Porém, não se limita a isso, remetendo os ouvintes a um universo que trabalha com memórias e narrativas simbólicas, dando sentido ao tempo de cada dia.

Atuando a partir do cruzamento das linguagens (linguagem sonora com a verbal oral), o meio “aciona uma pluralidade de signos: som, ruído, ambiente, música, música de fundo, voz, fala, texto, narrativa, novela etc” e pode ainda trabalhar com a superposição desses signos (SANTAELLA, 2002, p.382), em completo hibridismo.

É, potencialmente, espaço de expressão dos múltiplos tempos, vozes e paisagens sonoras que se configuram antes como uma mistura, um espaço para a expressão da mestiçagem de sons e vozes. Esses trânsitos sonoros onde as múltiplas vozes se cruzam, misturadas com os movimentos dos corpos e dos objetos, sempre permeadas por imagens endógenas, são denominados por Menezes (2007) como *cultura do ouvir*.

É por conta da necessidade de se criar uma cultura do ouvir que as programações radiofônicas geradas dentro desse ambiente mestiço, em fluxos contínuos de tempos e paisagens sonoras, devem ser tratadas de modo criativo, com as informações sendo filtradas e interligadas com outras emoções, experiências e histórias dos ouvintes. Sintonizados com esse pensamento, os produtos construídos na UESC a partir de adaptações literárias para o rádio buscam este resultado. As ideias e falas são extraídas

dos textos, adaptadas para outra linguagem – a radiofônica – e, nesse processo, incorpora sons, ruídos, efeitos sonoros e as interpretações dos alunos-atores que são misturadas às emoções e experiências de cada membro da equipe de trabalho e mais a história cultural de cada região de onde eles próprios são oriundos. Esse hibridismo inicial vai se somar à história de cada ouvinte que, por sua vez, irá transformá-la a partir de seu repertório próprio, em processo inesgotável de mudança.

Essa experiência leva também à ideia de Lúcia Santaella (*op.cit.*, p.379), quando diz que “todas as linguagens são híbridas”. Para a autora, “as matrizes não são puras” até porque “não há linguagens puras”. Apenas a sonoridade poderia alcançar “certo grau de pureza se o ouvido não fosse tátil e se não se ouvisse com o corpo todo” (*idem*, p. 371). Ou seja, a linguagem do rádio, como toda linguagem verbal oral, apresenta-se misturada desde a origem, vez que casa elementos diversos (som, palavras, tom de voz, música, efeitos sonoros, ruídos, silêncios, entre outros elementos) que compõem o produto radiofônico. Percebe-se, portanto, que as experiências de rádio realizadas na UESC contemplam essa perspectiva e vão mais além ao misturar matrizes já híbridas no nascedouro com outros componentes como a adaptação do verbal para a radiodramaturgia e a determinação de, com isso, produzir conteúdos educativos. São elementos diversos que permanecem em convivência, mas sem perder a tensão e, logo, a fricção.

Algumas considerações

Ao tentar concluir um trabalho de pesquisa, o pesquisador elimina do seu horizonte a chance de permanecer ativo, atento, pronto para prosseguir na sua missão inesgotável de investigar mais e mais novos fenômenos ou apurar o que já foi estudado. Por isso, ressalvo que estas considerações estão distantes do final, apesar de concluírem este artigo.

Diante do que foi proposto, considero que é possível perceber elementos característicos de uma cultura mestiça nas intenções e nos conteúdos programáticos produzidos por alunos do curso de Comunicação da UESC, assim como em alguns produtos da rádio UESC, derivados dessas experiências.

A facilidade que o rádio tem em absorver novos produtos e linguagens, de certa forma pode explicar porque o meio, apesar de disputando espaço de mercado com a

televisão, o cinema, o jornal e a internet, mantêm-se em lugar seguro na preferência da população regional⁶: ele reflete, ressignifica e sistematiza .

O aprendizado proporcionado com tais experimentos dá a certeza de que é nas ações concretas que as teorias são testadas e ressignificadas. No caso específico, alunos e professores descobriram novas possibilidades narrativas e linguagens alternativas para o rádio, meio que está perto dos 90 anos de vida e que se redescobre novo a cada dia. Em sua plena maturidade, deixa claro que é altamente flexível, híbrido, dinâmico. Portanto, local apropriado para as fricções e as mestiçagens culturais.

Apesar disso, as emissoras de rádio da sul da Bahia abrem pouco (ou nenhum) espaço para produtos inovadores, como os que são produzidos na Universidade Estadual de Santa Cruz. A produção acadêmica aqui estudada é veiculada exclusivamente na rádio da universidade (Rádio UESC), que por enquanto só funciona via web e, por isso, não consegue chegar à parte da população que ainda não tem pleno acesso à Internet.

Então, embora sejam trabalhos criativos, de inegável qualidade técnica, que atendem a demandas culturais e educativas, entre outras virtudes, tais experimentos ainda tem público limitado. Justamente por serem relevantes, é necessário que se criem formas (convencionais ou alternativas) para assegurar que os diversos públicos os acessem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Eliana C.P.T. de. **Entre o global e o local: rádio e identidades culturais no sul da Bahia**. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade). IHAC/UFBA, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/14833>, acessado em 20/05/2018.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Cia das Letras, 2006

LIMA, José Lezama. **Confluencias**. La Habana: Letras Cubanas, 1988.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. **Rádio e cidade: vínculos sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007.

⁶ Segundo pesquisa de doutorado (ALBUQUERQUE, 2014), o meio tem 54% de audiência diária (com aparelhos ligados todos os dias); 97% de audiência geral (pessoas que ouvem rádio) da região.

PINHEIRO, Amálio (org.). **Mídia e mestiçagem** in Comunicação & cultura: Barroco e mestiçagem. Campo Grande/MS: Ed. UNIDERP, 2006

_____. **Aquém da Identidade e da Oposição:** formas na Cultura Mestiça. Piracicaba: Unimep, 1994

_____. **Mestiçagem latino-americana** (entrevista para o jornal O Povo, em 24/05/2008). Disponível In: <http://barroco-mestico.blogspot.com/2008/05/entrevista-do-amlio-para-o-jornal-o.html>, acessado em 13/11/2017

ROCHA, Marlúcia; ALBUQUERQUE, Eliana e OLIVEIRA, Rodrigo B. **RBD e Malhação:** observações sobre as ficções seriadas juvenis no Brasil e suas representações identitárias. In: PINHEIRO, Amálio (org.). **O meio é a mestiçagem.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009, p.31-42.

ROLNIK, Suely. **Micropolíticas em atrito.** Disponível In: <http://www.cpfcultura.com.br/site/2009/10/16/integra-micropoliticas-em-atrito-suely-rolnik/>, acessado em 3/12/2017

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e do pensamento:** sonora, visual e verbal. São Paulo: Iluminaras, 2002.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4ª ed., 2ª reimp. São Paulo: EDUSP, 2006.

SOARES, Luis Eustáquio. **Barroco, surrealismo e miscigenação na América Latina:** água de um mesmo rio. Disponível In: <http://www.revista.agulha.nom.br/ag67bienalsoares.html>, acessado em 27/12/2017.

TOMASELLO, Michael. **Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano.** São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Tópicos).

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem.** São Paulo: Cosac Naify, 2002.